

CRISE NA BAIXADA

POLÍTICOS PROMETEM AGIR PRA MINIMIZAR DEMISSÕES

Mais de 4 mil pessoas devem ir pra rua com ação da Usiminas, que encerrará produção de aço em Cubatão

VICTOR MIRANDA

A notícia de que a Usiminas encerrará a produção de aço em Cubatão foi considerada como extremamente grave pelo governador Geraldo Alckmin. Ele, que esteve na sexta-feira em São Vicente pra reinaugurar a Ponte Pênsil, disse que vai se empenhar pra reverter ou minimizar o impacto que a demissão de 4 mil pessoas pode causar na região.

“É uma situação grave, gravíssima. Nós vamos conversar com o comando da Usiminas, com a Miriam Belchior, para ver se é possível mobilizar a Caixa. Vamos procurar o Governo Federal”. Alckmin, no entanto, não deixou claro os seus propósitos ao procurar a presidente da Caixa Econômica Federal.



Demissões prejudicarão toda a Baixada Santista, que depende desses empregos

Já o vice-governador Márcio França foi mais enfático em sua fala, no mesmo evento. Segundo ele, a Usiminas erra em tomar uma decisão repentina como essa, sem antes abrir a situação e revelar as dificuldades que vinha enfrentando.

O ex-prefeito de São Vicente, que acumula o comando da Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação, argumentou que a notícia cai como uma bomba, não só para Cubatão, mas para todos os municípios da Baixada Santista.

“É lamentável saber que a empresa decidiu agir pelo lado mais fácil. Não estamos negando as dificuldades que

a Usiminas eventualmente esteja enfrentando, mas dizendo que era possível pensar em alternativas. Antes da demissão, não houve uma tratativa com os trabalhadores no sentido de redução de jornada, readequação salarial ou mesmo um PDV (Plano de Demissão Voluntária)”.

Márcio destacou ainda que, paralelamente às difíceis conversas no sentido de reverter a situação, a sua pasta pode colaborar na requalificação dos empregados que, eventualmente, forem demitidos. Para ele, o período de final de ano pode ser um alento nesse momento.

“Vou procurar os prefeitos da região para conversar sobre cursos de requalificação

Entenda o caso

>>A Usiminas anunciou na quinta o encerramento temporário (mas que ninguém sabe até quando vai) da produção de aço em Cubatão.

>>Com isso, sobrarão para a usina de Cubatão apenas as atividades de laminação (tiras a frio e tiras a quente) e do terminal portuário.

>>Segundo a empresa, o bicho pegou por conta da crise vivida pelo Brasil e pela queda na produção e venda de aço no mundo todo.

>>A estimativa da Usiminas é que até 4 mil vagas sejam cortadas, sendo 2 mil diretas e outras 2 mil indiretas.

>>O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Flávio Resende de Sá, o Sassá, acha a projeção baixa e estima que até 8 mil postos de trabalho sejam fechados.

que nós podemos oferecer. Precisamos dar ferramentas para que essa demissão em massa não se transforme em um caos”.

Contudo, o vice-governador ainda tem esperança de que a situação melhore em Cubatão. “A minha expectativa é que a economia dê uma recuperada em razão do final de ano e, com isso, a Usiminas volte a contratar ou decida ficar com esses trabalhadores já no começo do ano, talvez até março. Seria o melhor para todos os lados”.



Beto diz estar preocupado com o caso

DEPUTADO MEXE OS PAUZINHOS EM BRASÍLIA

Em meio à comoção que cerca o encerramento da produção de aço na Usiminas, o deputado federal Beto Mansur (PRB-SP) já começou a mexer os pauzinhos em Brasília.

Ele conversou por telefone com o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Armando Monteiro, que está em Londres, e deixou marcado um encontro para a próxima terça, na Capital Federal. Beto, por sinal, promete não parar por aí.

“Vou conversar com o Governo do Estado também. A Usiminas é uma empresa privada, mas está dentro de São Paulo e muita gente daqui depende desse emprego, dessa produção de aço. Por isso, o Governo do Estado precisa se envolver na questão”.

O deputado questiona o fato de a Usiminas divulgar que a interrupção da produção de aço na Baixada Santista será temporária. Ele acredita que o anúncio feito na última quinta-feira faz parte de um plano de reestruturação mais amplo e bastante prejudicial à região.

“Você desativar o alto-forno não é um negócio simples. Ele não pode ser religado daqui a pouco. Isso é coisa que leva um ano para ser feita. A empresa produzirá as chapas grossas em Minas Gerais, depois mandará o produto para Cubatão, aqui ele passará pela laminação e será exportado ou mandado para fábricas do ABC Paulista”.

O parlamentar admite que convencer a empresa a reverter o fim da produção e manter os empregos não é tarefa fácil, mas mantém uma esperança.

“Conhecemos o prejuízo da empresa (que alega ter perdido R\$ 1 bilhão no último trimestre), mas precisamos ver até que ponto eles estão forçando a barra para conseguir sobretaxar o aço que vem do exterior”. (BR)

Prefeitos da região terão reunião extraordinária

BRUNO RIOS

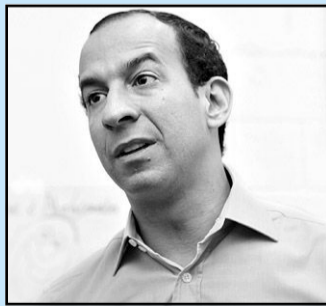
O prefeito de Santos, Paulo Alexandre Barbosa, convocará uma reunião extraordinária do Conselho de Desenvolvimento da Região Metropolitana da Baixada Santista (Condesb), órgão que preside. A ideia é reunir os prefeitos da região e achar uma solução para o fechamento de 4 mil empregos na Usiminas.

“No máximo em dez dias iremos nos reunir, mas espero que isso ocorra já na próxima semana. É uma situação grave e extrema que não atinge só Cubatão. É um problema do País”.

Além de colocar o Condesb no circuito, Paulo Alexandre pretende formar um grupo de autoridades da Baixada, embarcar para Brasília e pedir a

“É uma situação extremamente preocupante, pois a Usiminas desempenha uma atividade fundamental para o desenvolvimento econômico de toda a Baixada Santista”.

Paulo Alexandre Barbosa, prefeito de Santos e presidente do Condesb



Preocupação

O coordenador da Câmara Setorial de Comércio Varejista da Associação Comercial de Santos (ACS), Omar Abdul Assaf, explica que a demissão em massa é algo terrível para os comerciantes.

“As pessoas podem até se manter por um tempo com as indenizações, mas uma hora essa verba vai acabar e tere-

ajuda do ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Armando Monteiro.

“A economia do Brasil vai mal, isso é notório, mas esse setor que gera tantos empregos precisa ter mais incentivos. O Governo Federal precisa se mobilizar. É possível fazer um trabalho político para minimizar os prejuízos”.